

Para os bancos, não há crise.

MOISÉS RABINOVICI, DE WASHINGTON.

As negociações da dívida brasileira continuaram ontem em Nova York, mas com uma diferença: não havia negociadores brasileiros.

"Não existe nada parecido com uma crise", garantiu uma fonte dos bancos credores, explicando que "há muito o que discutir entre os próprios banqueiros".

Os negociadores brasileiros, Sérgio Amaral e Antônio Pádua Seixas, disseram que "foram chamados a Brasília para consultas, e que estarão de volta a Nova York provavelmente na próxima segunda-feira", disse um banqueiro que participa das negociações, acrescentando:

"É compreensível que tenham ido... Estão há tanto tempo aqui... Mas as negociações vão bem. São poucos os problemas a resolver. Achamos que um acordo se encontra ao alcance das mãos."

Um dos temas da reunião do comitê de bancos credores, ontem, foi o vínculo entre o pacote brasileiro e um acordo entre o Brasil e o FMI.

"Este ainda é o grande problema", revelou outra fonte, acrescentando: "Mas não devemos falar só de FMI. Melhor seria falarmos em instituições multilaterais, porque temos de resolver também qual será o papel do Banco Mundial".

No último dia 10, falando num seminário sobre a dívida dos países em desenvolvimento, no Departamento de Estado, o presidente do comitê de bancos credores, William Rhodes, prometeu um acordo para "a semana seguinte", advertindo que já tinha feito a mesma previsão antes. Mais uma vez, ele falhou.

Uma banqueira que estava participando do seminário, Renée Lewin, com cinco anos de experiência em reescalonamento da dívida brasileira num banco americano, perguntou, durante o seminário, se o ministro Maílson da Nóbrega teria força para implementar as medidas econômicas que acertar com o FMI. Ouviu uma resposta evasiva ("O Fundo sugere e não manda") de um representante brasileiro. Ontem, consultada pelo *Jornal da Tarde*, ela assegurou, sem nenhuma dúvida: "Nenhum banco vai desembolsar dinheiro sem que haja um controle da economia brasileira".

A banqueira Renée Lewin não chega a ponto de sugerir que o pacote só sairá quando

o FMI aprovar o programa do Brasil, talvez no mês de junho. Mas um colega seu, do departamento brasileiro de outro banco, europeu, acredita que "as negociações estão esperando o FMI", perguntando:

— Se já esperamos tanto, por que não mais um pouco?

"Parece que vamos ficar parados outra vez", comentou um funcionário do governo americano, que acompanha as negociações da dívida, mas falando em termos pessoais. "É muito difícil saber quanto disso é real e quanto é teatro", ele acrescentou, analisando a volta dos negociadores brasileiros. Um problema que cresce a cada semana que termina sem o acordo, como ele lembra, "é que o Brasil atra-

sa mais os pagamentos. Já ficou sem pagar março e abril". (Em março teria de pagar cerca de US\$ 220 milhões. E, em abril, cerca de US\$ 1 bilhão.)

Aos banqueiros que consultou ontem, o JT perguntou se havia desconfiança sobre as intenções do Brasil. Uma fonte do comitê credor respondeu:

"Isto faz parte das negociações".

Outro se mostrou muito pessimista, prevendo que "o governo não vai cumprir as medidas que anuncia", ao mesmo tempo em que lamentava: "A cada dia que passa, o Brasil está perdendo alguma coisa no Exterior. O Brasil não vai conseguir mais ajuda facilmente, nem em nome de sua transição política".